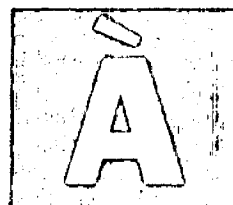


APRENDENDO A APRENDER

□ Por Dominique Simonnet



As gerações de alunos resignados e inquietos, Massimo Piattelli Palmarini, diretor de pesquisas do MIT (Massachusetts Institut of Technology), propõe que reajam. No seu livro **O Gosto pelos Estudos...** ele lhes dá saborosas receitas para encontrar o prazer de se instruir. Um verdadeiro tratado sobre o *know-how* de estudar sem tédio.

Primeiro conselho: não espere pela reforma do sistema. Postulado: a educação, esta se cultiva.

Atualmente, é comum repetirem-se resmungos sobre a educação e a aprendizagem: o sistema escolar se desagrega, o ensino se degrada e os professores, sem rumo, vestem complacentemente a capa da monotonia que lhes é estendida... É a grande melancolia, a longa queixa da desilusão o que se escuta em todos os discursos autorizados sobre o assunto.

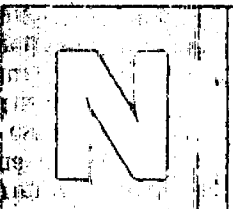
E o aluno nisso tudo? O que vai ser desse objeto de tanto ressentimento? Como o aluno se sai nesse oceano de tédio? Habitualmente, descrevem-no como um infeliz, curvando-se sob a pressão dos programas e seguindo o caminho de sua escolaridade como se fosse um combatente: preocupado e resignado. Ele é visto como um prisioneiro coberto de correntes, escalando penosamente as grades, sem mesmo saber o que vai encontrar lá em cima.

O quadro é negro, como deve ser... E, se tudo isso for somente o resultado de um conformismo ambiente, que se compraz com a ideia da crise a ponto de impô-la a todos os campos da sociedade? Por que não haveria um remédio contra essa doença — muito contagiosa, de fato — que se chama tédio?

Piattelli reagiu à sua maneira. Mais do que demonstrar os benefícios e virtudes da escola, como faz atualmente um número cada vez maior de pedagogos, ele preferiu se dirigir diretamente aos alunos para falar de um tema essencial que parecia esquecido de todo o mundo: a arte e o prazer de se instruir.

Sua obra **O Gosto pelos Estudos ou Como Adquiri-lo** é um manual destinado a colegas e estudantes em geral, sutil e sábio, um manual para aprender a aprender. Um guia que varre o pessimismo e o determinismo bem no lugar onde estão confortavelmente instalados: não nas estruturas educacionais, mas nas nossas próprias cabeças, sem dúvida já cheias demais, em vez de estarem sendo bem-feitas.

A FALTA DE VONTADE DE ESTUDAR PODE DESTRUIR A HARMONIA FAMILIAR E ENGENDRAR CONFLITOS



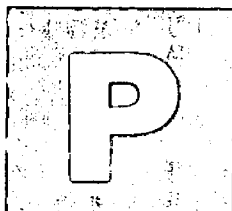
Não se enganem: não se trata de um desses livros de cozinha para um *fast-food* educacional, que reduz a aquisição de conhecimentos a um jogo de astúcias e artifícios para se desarmarem as armadilhas dos examinadores. Se Piattelli dá receitas, ele o faz com a ambição de um gastrônomo: a de reeducar o gosto, de reencontrar a vontade de saber, de levar os espíritos a apreciarem a diversidade das disciplinas, a captar suas riquezas e finezas, a saborear o prazer de descobri-las. Um verdadeiro tratado sobre o *know-how* de estudar.

Para ele, esse não é um assunto fútil; muito pelo contrário. No Japão, onde a pressão educativa é cada vez mais forte, não é raro, infelizmente, ver crianças de nove ou dez anos se suicidarem depois

de um fracasso escolar. No Ocidente, porém, lembra Piattelli, se não chegamos ainda a tal extremo, a falta de vontade de estudar pode destruir a harmonia familiar, engendrar conflitos, causar rupturas. O gosto pelos estudos — e o esforço que lhe está associado — é hoje um valor supremo.

Piattelli se debruça igualmente sobre os dois atores principais que se espremem em volta do aluno. Primeiro os professores que têm um papel essencial para que se cultive ou se iniba o prazer de aprender. Para o bem e, às vezes, para o mal, os primeiros professores são como o primeiro amor: não se esquece jamais.

O GOSTO PELOS ESTUDOS — E O ESFORÇO QUE LHE ESTÁ ASSOCIADO — É HOJE UM VALOR SUPREMO



Piattelli denuncia: “O sentimento de alienação, que se experimenta frente a certos professores, é uma das principais causas da perda da vontade de estudar”. E para fustigar o sadismo dos que costumam zombar das lacunas de seus alunos, diz: “Pôr a nu a nossa ignorância nos machuca e deixa uma cicatriz indelével”. Assim, ele dá bons conselhos para o aluno não se deixar levar por esse sentimento de humilhação, ameaça que paira permanentemente nas salas de aula, e conselhos para suportar os pequenos rituais, às vezes contestáveis, dos professores.

As outras estrelas americanas são os pais. Estes nutrem, com frequência, uma aliança objetiva — mas equivocada — com os atores precedentes. Contentando-se em manter a pressão sobre o saber imposto pela escola, eles tendem geralmente a se desinteressar do resto e a fugir de suas responsabilidades. Assim, acusa Piattelli, eles estabelecem compromissos tácitos com a ignorância, tanto a deles como a dos seus filhos, e fingem acreditar que o que aprenderam durante o período de sua escolaridade é o suficiente para entrar “na vida”.

No entanto, quantos de nós nos lembramos de tudo o que aprendemos na escola? Quem poderia amanhã, de repente e inesperadamente, fazer de novo um vestibular? Então, por que fazer os adolescentes darem um duro danado, se em seguida esquecerão tudo, como nós? Os pais deveriam, portanto, reconhecer que ignorâncias toleradas em casa, porque não fazem parte do programa escolar, não são de fato toleráveis. Eles também deveriam sacudir a apatia e instigar a vontade de estudar, mais do que a instituição escolar exige.

Mas é ao aluno que Piattelli dirige sua mais vigorosa argumentação. É ele — o aluno — que tem que reagir, sem esperar que o sistema educacional seja reformado, que os hábitos dos professores se modifiquem ou que os pais se mexam. Cabe ao aluno descobrir ou encontrar o “gosto”, esse conceito inapreensível, que existe na Arte, na Literatura, na Moda ou na Gastronomia, mas também nas ciências, na Matemática e na Filosofia.

“Transmitir às novas gerações um gosto que se reconhece subjetivamente irreversível assim que ele tenha sido adquirido”, eis a primeira das urgências.

Alguns psicólogos, como Piaget, dizem: o aluno, munido de sua curiosidade natural, é uma espécie de experimentador. Tentar fazer dele um ator e não um espectador de suas descobertas é, portanto, uma das chaves do sucesso. Claro que o prazer não é condição suficiente para aprender bem. Mas é necessário. E a boa notícia que Piattelli traz é

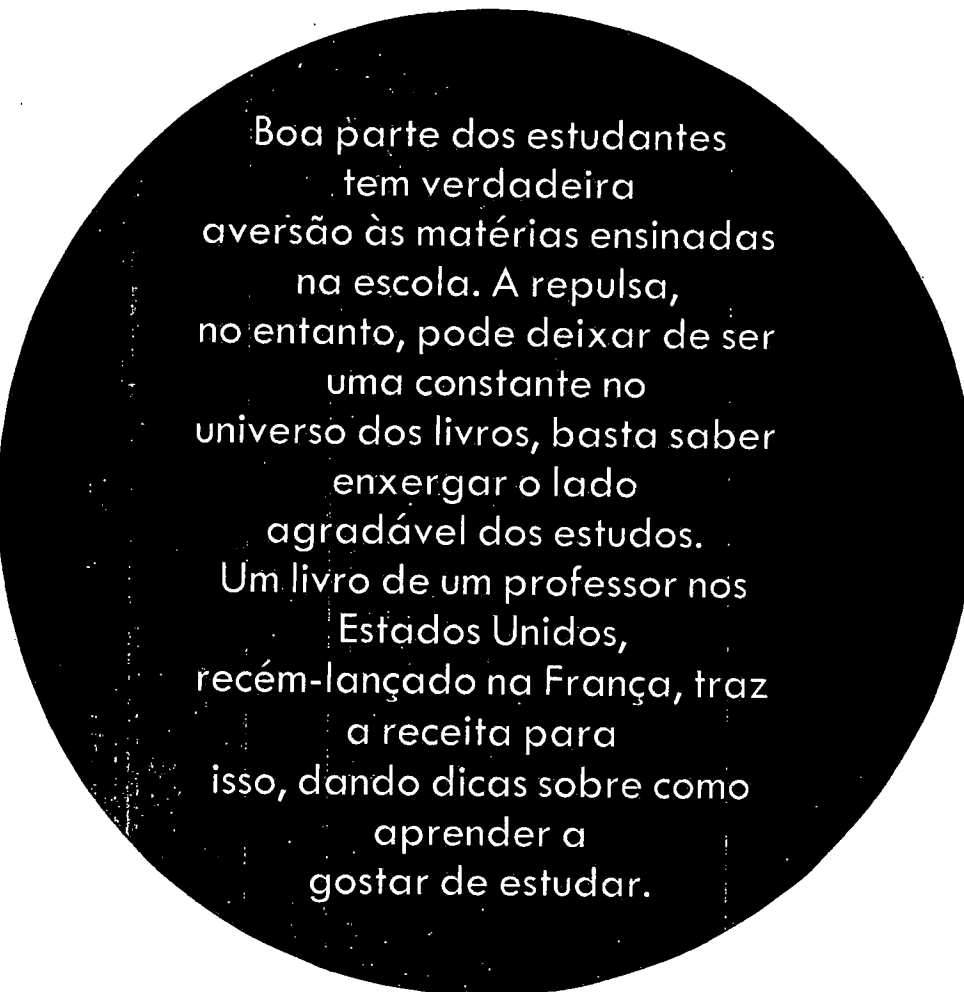
que esse sentimento de prazer, na falta de ser inato, pode ser cultivado.

P — O sr. dirige aos estudantes uma vigorosa argumentação para que eles reencontrem o gosto de aprender. Mas os programas escolares são tão pesados, a competição tão severa que isso parece um pouco ilusório, não?

R — Não penso assim. Será que há uma finalidade mais elevada do estudo do que formar o gosto? Claro que é uma tarefa difícil. Mas é preciso compreender que as angústias, as reticências, até mes-

mo os desgostos que se experimentam com os programas escolares e com os exames, não são exclusividades dos jovens estudantes. Ao contrário, são universais: isso acontece tanto aos 15 como aos 50 anos, na vida escolar ou na vida profissional. Na realidade, a sina do jovem colegial é muito parecida com a do pesquisador, que se debruça, ele também, sobre colóquios, comunicações que deve redigir, sobre cursos que tem de preparar. Uma das maneiras de se encontrar atração nas matérias ensinadas

na escola é justamente considerá-las na sua globalidade, é compreender que elas se prolongam nas pesquisas de ponta. Sabemos muito bem que a filosofia não pára na aurora desse século, como mostra a maior parte dos manuais. Sabemos que a história continua depois da Segunda Guerra Mundial, que há descobertas recentes na Física. Os conhecimentos se arraigam na realidade e não param de se desenvolver, independentemente da escola. Reconhecer isso já é fazer uma aprendizagem do gosto. ►►



Boa parte dos estudantes tem verdadeira aversão às matérias ensinadas na escola. A repulsa, no entanto, pode deixar de ser uma constante no universo dos livros, basta saber enxergar o lado agradável dos estudos. Um livro de um professor nos Estados Unidos, recém-lançado na França, traz a receita para isso, dando dicas sobre como aprender a gostar de estudar.



PÔR A NU A NOSSA IGNORÂNCIA NOS MACHUCA E DEIXA UMA CICATRIZ INDELÉVEL